

COLÔMBIA

Diário revela lado obscuro das Farc

Jovem holandesa relata dificuldades e denuncia privilégios de líderes da guerrilha no cotidiano dos acampamentos

Renata Miranda
Ruth Costas

O que leva uma jovem holandesa, com uma vida confortável e a perspectiva de um futuro tranquilo em seu país, a largar tudo para unir-se à guerrilha colombiana? A pergunta é a primeira coisa que vem à cabeça quando se conhece a história de Tanja Nijmeijer, guerrilheira de 29 anos que fugiu quando seu acampamento foi descoberto pelo Exército colombiano em meados de julho, deixando para trás seu diário com um precioso relato do dia-a-dia dos rebeldes das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc).

A julgar pelo conteúdo do caderno, divulgado recentemente pelo jornal colombiano *El Tiempo*, a resposta parece ser uma mescla de idealismo, ingenuidade e o que alguns analistas definem como “nostalgia da ação revolucionária” – aquela ânsia de encontrar uma causa para lutar, num mundo no qual restou pouco espaço para as grandes ideologias.

“Alguns jovens europeus com uma genuína preocupação social têm uma visão romaneada da vida dos rebeldes das Farc”, disse ao *Estado* Alejo Vargas, diretor do Departamento de Ciências Políticas da Universidade Nacional da Colômbia. “A realidade é uma rotina de extensas caminhadas, tensões e confrontos, além de uma hierarquia militar rígida que decepiona quem sonha com um igualitarismo marxista.”

DA EUROPA PARA A SELVA

Antes de embrenhar-se nas selvas da América do Sul, Tanja vivia em Groningen, uma pacata cidade universitária no norte da Holanda. A renda média dos habitantes supera os US\$ 30 mil anuais e miséria e violência são termos restritos ao noticiário internacional ou às palestras sobre as mazelas do Terceiro Mundo. Em 2001, depois de formar-se em letras com especialização em espanhol, a jovem resolveu voltar para a Colômbia, país no qual havia vivido um ano antes participando de um programa de intercâmbio. Tanja dizia-se tocada pela pobreza da população colombiana e o objetivo declarado de sua viagem era “fazer trabalhos humanitários” com o apoio de uma ONG. Pouco depois, a holandesa já se havia integrado às fileiras das Farc e recebido um novo nome. Nascia a guerrilheira *Eillen*.

Estima-se que cerca de 20 jovens europeus tenham se juntado às Farc

Quando a unidade do Exército colombiano atacou, em julho, o acampamento coordenado por Carlos Antonio Lozada, dirigente das Farc, Eillen estava tomando banho. Nem ela nem seus companheiros tiveram tempo de recolher seus pertences. O diário que os soldados encontraram é o testemunho de como todos esses anos combatendo com o grupo esquerdista desgastaram as convicções da jovem idealista. “Estou cansada das Farc, cansada dessa gente, cansada da vida em comunidade e de nunca ter nada só pra mim. Que tipo de organização é essa em que alguns têm dinheiro, cigarros e doces e os demais (subordinados) têm de mendigar?”, pergunta-se a holandesa.

Alguns trechos do diário relatam a participação em ações militares, como uma longa tocaia para derrubar um helicóptero das Forças Militares colombianas. Em outra passagem, Tanja fala da saudade de casa e de como gostaria de tomar um café numa estação de trem em Groningen ou Amsterdã. “A publicação do diário foi um golpe para as Farc”, diz o cientista político Pedro Valenzuela, da Universidade Javeriana, em Bogotá. “Por isso, há quem diga que a vida de Tanja está em perigo, embora também seja possível que os rebeldes a poupem por ela ser estrangeira e sua história ter alcançado repercussão.” Além do diário, os soldados

REPRODUÇÃO



TANJA, OU 'EILLEN' - Desilusão

também recolheram no acampamento o computador portátil de Lozada no qual havia um vídeo feito por Tanja para sua família. A gravação sugere que ela teria sido enviada aos Nijmeijers logo após uma visita da mãe de Tanja ao acampamento das Farc. Outro arquivo continha o nome de 23 europeus que se teriam integrado à guerrilha entre 2000 e 2002. Com eles, documentos que sugeriam a participação de ONGs no recrutamento.

Os guerrilheiros estrangeiros são espanhóis, suecos, dinamarqueses, irlandeses, suíços, russos e holandeses. Ainda não se sabe ao certo como as Farc conseguiram recrutá-los. Segundo a cientista política holandesa Liduine Zampolle, que desde a década de 70 vem trabalhando com missões humanitárias e projetos de desenvolvimento social na Colômbia, muitos foram arregimentados pelo Partido Comunista Colombiano Clandestino (conhecido como PC3). Com o objetivo de substituir a imagem de grupo terrorista, as Farc teriam criado a organização, que se porta como um movimento organizado, com reivindicação legítima e fortes preocupações sociais.

“Na época em que Tanja entrou para a luta armada ela já tinha informações sobre os crimes nos quais a guerrilha estava envolvida – seqüestros e ligações com o narcotráfico”, diz Liduine. “Por isso, é bem provável que o trabalho de diplomacia e recrutamento realizado pelos integrantes das Farc na Europa tenha sido decisivo como instrumento de propaganda em contraposição à má fama.”

Aos poucos, a guerrilha teria obtido o apoio de centros acadêmicos de esquerda e algumas organizações civis. Os comunicados oficiais do grupo, por exemplo, hoje são difundidos por um site registrado na Dinamarca. No ano passado, quatro pessoas foram presas e outras sete investigadas nesse país por vender camisetas para financiar uma rádio das Farc (considerada um grupo terrorista pelo governo dinamarquês).

Muitos analistas também destacam a importância da zona desmilitarizada (controlada pelas Farc até 2002) para a diplomacia da guerrilha. A área foi criada pelo presidente Andrés Pastrana em 1998 e tinha 42 mil quilômetros quadrados, o equivalente à da Suíça. “A existência dessa área reforçava o argumento de que as Farc eram uma espécie de Estado paralelo e não um grupo militar em confronto com um Estado legítimo”, diz Alejo Vargas. Ele lembra que, na época, os guerrilheiros convidavam jovens estrangeiros, jornalistas e organizações internacionais para conhecer “o seu território”. “Foi provavelmente dessa maneira que dezenas de europeus entraram em contato com os rebeldes”, diz. Tanja faz parte do pequeno grupo de 23 jovens que, por idealismo ou ingenuidade, levaram a experiência às últimas seqüências. Apesar de seus relatos indicarem que hoje ela gostaria de renunciar às armas, o fato de seu diário ter-se tornado público pode ter transformado um café na estação de Groningen num sonho ainda mais distante. ●



JOVENS E REBELDES - Guerrilheiras em patrulha nas selvas da Colômbia: para comandantes, laço afetivo compromete desempenho em combate

Diário de 'Eillen'

21/7/2006:

Aqui há dois companheiros com aids, talvez mais. Aqui, ninguém usa preservativo.

23/7/2006:

Tenho uma vontade incrível de ligar para casa, mas não tenho oportunidade. Agora o Exército está na aldeia. ... Sinto falta da minha família. Mas espero que seja enviada para fora em um ano, quem sabe para a Europa.

23/8/2006:

Liguei para minha casa!!! Sem permissão, e agora Frits está bravo comigo, mas não me importa. ... Ele permite que todos telefonem, menos eu. Não é ridículo? ... Talvez me deixem na selva para sempre, ou não me permitam sair para missões fora depois deste pecado venial. Na verdade, não quero fazer isso, não me importa.

22/11/2006:

Tem uma garota de busto grande que deixou o chefe deslumbrado. O chefe diz que foi enviada pelo governo para desestabilizar o comando.

24/11/2006:

Estou cansada, cansada das Farc, cansada das pessoas, cansada da vida comunal. Cansada de nunca ter nada só para mim. E isto valeria a pena se se soubesse pelo que se luta. Mas a verdade é que já não acredito nisso. Que tipo de organização é esta, onde alguns têm dinheiro, cigarros, doces, e os demais têm de mendigar? Isto é assim desde que vim, há quatro anos. ... Quero ir embora, pelo menos desta unidade. ... Já não quero mais blablablá sobre ser comunista, honesto, não desperdiçar, obediente. Para depois ver como são hipócritas e traiçoeiros os comandantes.

(Sem data):

Como será quando chegarmos ao poder? As mulheres dos comandantes andarão em Ferrari, colocarão silicone nos seios e comerão caviar? Parece que a coisa vai por aí.

12/6/2007:

Tornei-me muito desconfiada dos homens. Quero fumar, mas só em duas semanas nos darão cigarros. Vou ver se posso mendigar ou extorquir um maço.

12/7 (sem ano):

Cometi a estupidez de criticar um dos comandantes e fui humilhada. Me acostumei com a hipocrisia das Farc, não tenho ilusões. As vezes, as pessoas aqui são extremamente estúpidas. São incapazes de ser objetivas, manter segredos ou fazer autocríticas.

13/7 (sem ano):

As vezes sonho com mamãe e acordo chorando. Fiz a coisa certa? Seria feliz na Holanda? O que estaria fazendo? Esses dias são o ponto final da minha carreira de guerrilheira, que não me surpreende mais. Já vi de tudo.

Sem data:

O comandante e suas esposas tiveram sua festa privada. Acho isso errado. Amanhã faremos a nossa só com a bebida que sobrou. Maldição!

Sem data:

As vezes quero deixar de seguir ordens desse bando de machistas que matam passarinhos com fuzis.

Na selva, jovens guerrilheiros têm de pedir autorização até para namorar

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc) auto-proclamam-se uma organização político-militar de inspiração marxista-leninista que combate as classes dominantes do país. No entanto, o diário de Tanja Nijmeijer quebra o mito socialista da guerrilha e revela particularidades da vida nos acampamentos das Farc até então desconhecidas. Os relatos de Tanja mostram um cotidiano desigual e injusto nos campos, onde há racionamento de comida e os casais precisam de permissão para

que fiquem juntos. “Consegui um ‘amigo’ e combinamos de ele ir conversar com o chefe para permitir que namorássemos”, escreve Tanja.

Segundo os textos da holandesa, nos acampamentos, os guerrilheiros não usam preservativos nem se preocupam com o risco de doenças sexualmente transmissíveis. “Aqui há dois, ou quem sabe mais, companheiros com o vírus da aids”, afirma. “Até onde entendo, uma menina nem sabe o que a doença significa, pois me disse isso toda sorridente.”

Para a cientista política holandesa Liduine Zampolle, especialista em Farc, a maneira pela qual os relacionamentos são mantidos nos campos da guerrilha faz parte de uma estratégia dos líderes. “Os comandantes não querem que seus subordinados tenham relacionamentos fixos porque acreditam que laços afetivos põem em risco o desempenho deles como combatentes”, afirmou Liduine. “A principal preocupação de todos deve ser apenas a guerrilha.” Tanja também descreve uma sociedade na qual os co-

mandantes – e sobretudo suas mulheres – têm mais privilégios do que seus subordinados. De acordo com ela, em dias de festa, os líderes têm comemorações privadas, enquanto aos subordinados só é permitido consumir a bebida que sobrou. “A mulher de um comandante é uma classe à parte”, relata. “Elas têm privilégios e, às vezes, nos dão ordens.”

As Farc são o maior grupo guerrilheiro colombiano, com 11 mil combatentes, segundo o governo. O grupo mantém 45 reféns políticos, que pretende trocar com o governo por cerca de 500 guerrilheiros presos. Para as negociações, a guerrilha exige que o presidente Álvaro Uribe desmilitarize uma zona do país – exigência à qual Uribe se recusa a ceder. ● R.M.E.R.C.